

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

**TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	<p>A psicologia na construção de uma sociedade mais justa [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-015-5 DOI 10.22533/at.ed.155202704</p> <p>1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. 2. Psicólogos. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aceleração nas mudanças do cotidiano auxilia o homem, por meio da tecnologia, a aperfeiçoar sua comunicação, desenvolvimento e laços. Esse desenvolvimento dar-se de forma vertiginosa e, por muitas vezes, não há a compreensão dos processos envolvidos neste percurso, ocasionando diferentes situações que podem levar a sensação de mal-estar e vazio. Todavia, este desenvolvimento acelerado ocorre por meio da “falta” e da “inquietação” do sujeito em sua dinâmica do cotidiano. É importante salientar que essa “falta” está direcionada ao amor, satisfação e desejo, como elementos essenciais que configuram o sentido e o significado na vida do sujeito.

Por conseguinte, em decorrência dessa “falta”, o sujeito passa a se utilizar de artifícios diversificados para apaziguar imaginariamente e/ou simbolicamente esse vazio. Podemos exemplificar tais artifícios como o consumo de álcool, consumo de drogas, medicamentos, as fantasias, a arte, a fuga da realidade, o materialismo, a busca desenfreada pela elevação de sua natureza, a tentativa ilusória de elevação do status social, a desigualdade, o luxo, o preconceito e o desrespeito, dentre outros, que são formas de iludir e apaziguar o vazio.

Neste cenário, destaca-se o capitalismo que colabora com essa falta por meio da sociedade moderna e democrática, conseguindo buscar, no horizonte da realidade do infortuno, da morte e da violência, a integração num único sistema das diferenças e resistências. Nesse aspecto, há uma mudança do “confronto” para a “evitação”, ou seja, há uma eliminação do “culto da glória” para a “revalorização dos covardes”. De fato, há uma perda da luta das classes sociais na busca pela revolução, possibilitando a divisão social.

Todavia, a obra “A Psicologia na Construção de uma Sociedade mais Justa” tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, mal-estar na civilização, sociedade, arte, avaliação em psicologia, intervenção em psicologia e desenvolvimento humano. Salienta-se que a conjuntura e organização dos temas na presente obra se deu nessa ordem ideológica, sem a necessidade de tópicos específicos. Tais artefatos são componentes de áreas de atuação científica da psicologia, como: psicologia social, psicologia do trabalho, atuação clínica, avaliação em psicologia, saúde, sociedade, cultura e desenvolvimento humano.

Com isso, o objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção teórica na psicologia, através de estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do país, possibilitando a reconfiguração de saberes e práticas na busca por modelos de atuação e intervenção no segmento individual e coletivo.

O impacto desta obra se dá por ser fruto de avaliações e exposições de dados, através de encontros e eventos científicos na extensão vertical e horizontal do país, que inicialmente foram avaliados e depois selecionados, por uma equipe editorial, que buscou a identificação e fator de impacto na obra no contexto atual, ou seja, temas diversificados e acentuados são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento científico.

Sabemos o quão importante é a divulgação do conhecimento através da produção científica rígida. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Por fim, que esta obra possa possibilitar diferentes reflexões, como, por exemplo, uma reflexão baseada no Mito da Caverna de Platão, descrito no livro VII da obra “A República”, suscitando o pensar acerca dos esquemas superficiais de comportamento e interpretação de vida aos quais estamos presos e que contribuem para a legitimação do mundo como ele existe. A única maneira de torná-lo menos cruel e mais humanizado é fugirmos das correntes que nos prendem a falsas crenças. Esse resgate é dado na medida em que nos movimentamos, avançamos para fora da caverna de mentiras, desconsideramos o acaso e os limites impostos e nos libertamos dos preconceitos criados pelas ilusões das sombras na parede. Enfim, como já dito sabiamente por uma grande socialista revolucionária no começo no século XX, Rosa Luxemburgo: “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prende”.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REVISÃO INTEGRATIVA: SINDROME DE BURNOUT E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO	
Karine Rebelatto Muniz	
Gabrielly Gomes dos Santos	
Lucas Rodrigues da Cunha Paes Leme	
Iracema Gonzaga Moura de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.1552027041	
CAPÍTULO 2	14
A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO	
Valleska Mendonça Procópio	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027042	
CAPÍTULO 3	25
NEXO CAUSAL: UMA ANÁLISE ENTRE TRANSTORNO MENTAL E TRABALHO	
Crislaine Bardini	
DOI 10.22533/at.ed.1552027043	
CAPÍTULO 4	45
SAÚDE DO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PRIVADA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Cristiane de Carvalho Guimarães	
Isabela Ferreira Rocha Nunes	
Bruna da Conceição Cavalcante	
Caroline Aranha Kalil	
Helen Alice Bezerra Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.1552027044	
CAPÍTULO 5	59
CRENÇAS LIMITANTES SOBRE EMAGRECIMENTO, DIETA E BELEZA: E A EFICÁCIA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL DA OBESIDADE	
Eliandresso Queiroz Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027045	
CAPÍTULO 6	71
A MORTE E O MORRER NO ENSINO DA PSICOLOGIA	
Raylane Aguiar da Silva	
Naglla Cristina Vieira Silva	
Maria Luiza Gaspar Amorim Sousa Silva	
Luciana Moreira Machado	
Andressa Regina Paulino Costa	
Ana Paula Pereira Cardoso	
Railson Muniz de Sousa	
Francisca Tatiana Dourado Gonçalves	
Zaira Arthemisa Mesquita de Araújo	
Willamy José da Silva Figueredo	
Lucas Danilo Aragão Guimarães	
Márcia Maria Matos Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1552027046	

CAPÍTULO 7	83
MULHERES DE PRESIDIÁRIOS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS	
Anna Karolina Brandão dos Santos	
Gustavo Ribet Cruz	
Juliana Mendonça Pinheiro	
Lais dos Santos Rodrigues	
Natan Chamarelli Loiola	
Vitória Lima Fernandes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1552027047	
CAPÍTULO 8	95
OUVIR PARA COMPREENDER: A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DA COMUNIDADE VILA VITÓRIA	
Gabriel Nava Lima	
Carmen Cristina Viegas Campos	
Agnaldo Alles Quaresma	
Ana Beatriz Lima Freitas	
Marta dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1552027048	
CAPÍTULO 9	109
O ETERNO RETORNO: ANÁLISE DE UM CASO DE AMNÉSIA ANTERÓGRADA	
Antonio Igor Duarte Braz	
Bianca Mendonça Maia	
Emanuela Maria Possidônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1552027049	
CAPÍTULO 10	111
RACISMO E PSICOLOGIAS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS	
Cláudia Freire Vaz	
Ângela Talita Faria Lima	
Debora de Assunção Souza	
Jonathas de Oliveira Marinho	
Monyke Kide Yamamoto Gushiken	
DOI 10.22533/at.ed.15520270410	
CAPÍTULO 11	122
A CERÂMICA NA ARTETERAPIA	
Elainy Mota Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.15520270411	
CAPÍTULO 12	136
ARTETERAPIA E PATCHWORK: UMA TESSITURA APLICADA NA REABILITAÇÃO	
Marcia Gallo De Conti	
DOI 10.22533/at.ed.15520270412	

CAPÍTULO 13	146
LENTE INTERIOR – POESIA, CONTOS E CORDÉIS COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA DO CENTRO DAS MULHERES DO CABO	
Svetlana Valentim Delielbe Dalla Corte	
DOI 10.22533/at.ed.15520270413	
CAPÍTULO 14	150
CONTRIBUIÇÃO DO TESTE DE RORSCHACH NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA	
Alessandra Carvalho Abrahão Sallum	
DOI 10.22533/at.ed.15520270414	
CAPÍTULO 15	166
PRÁTICAS PARENTAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA LEITURA BIOECOLÓGICA	
Isabela Vieira da Silva Santos Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.15520270415	
CAPÍTULO 16	181
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ EM MULHERES PRIMIGESTAS ASSISTIDAS NO AMBULATÓRIO DE PRÉ-NATAL DA MATERNIDADE ESCOLA DA UFRJ	
Lucineide Fernandes Moraes Gabriela Fernandes Moraes Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.15520270416	
CAPÍTULO 17	198
VIOLÊNCIA INFANTIL NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS: UMA ANÁLISE DA LITERATURA	
Ana Clara Pereira Nunes Cíntia Cassimiro da Silva Clarissa Teixeira Cardoso de Carvalho Fernanda Gonçalves da Silva Pâmela Cristine dos Santos Bastos da Fonseca Priscila da Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.15520270417	
SOBRE O ORGANIZADOR	209
ÍNDICE REMISSIVO	210

PRÁTICAS PARENTAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA LEITURA BIOECOLÓGICA

Data de aceite: 15/04/2020

Isabela Vieira da Silva Santos

e-mail: isabelavieira97@gmail.com

Erika Conceição Gelenske Cunha

e-mail: erikagelenske@gmail.com

RESUMO: O objetivo do presente estudo se concentra em compreender sob a ótica bioecológica, de que forma o treino de pais pode se aliar a psicoterapia voltada à criança diagnosticada com TEA. Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva, por meio de uma revisão de literatura. Entre os estudos analisados, houve bons resultados no uso do treino de pais aliado a outros métodos psicoterápicos, sendo considerado um recurso de bom custo benefício. Contudo, os estudos analisados não apresentam homogeneidade metodológica, apontando para a necessidade de se realizar maiores pesquisas acerca do tema, diante de sua relevância para a promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Treinamento de Pais; Parentalidade; Modelo Bioecológico

ABSTRACT: The goal of this paper is to understand, from a bioecological approach, how parents training can be combined with psychotherapy in order to support its children

diagnosed with autism spectrum disorder (ASD). Qualitative and descriptive researches were chosen as a methodology, conducted through a literature review. Among the studies analyzed, there were relevant evidence in the use of parent training combined with other psychotherapeutic methods, being considered as a cost-effective strategy. However, the studies analyzed do not present methodological homogeneity, pointing out the need for further research on the subject, given its relevance to health promotion.

KEYWORDS: Autism; Parent training; Parenting; Intervention; Bioecological Model

1 | INTRODUÇÃO

Atualmente, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), se configura como um transtorno do neurodesenvolvimento marcado por características como déficits nas áreas de comunicação, interação social, e pela presença de comportamentos restritivos. Fazem parte do espectro, transtornos antes categorizados como outros diagnósticos, tais como a Síndrome de Asperger (SA) e Autismo Infantil (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Segundo a Organização Mundial da

Saúde (OMS, 2017), estima-se que no mundo, uma em cada 160 crianças tenha TEA.

Anteriormente considerado como uma psicose por Kanner, em 1943, o autismo foi objeto de construção de inúmeras narrativas teóricas ao longo da história. Aos poucos, passando pelo viés psicanalítico, começaram a surgir novas perspectivas a partir de teorias cognitivas e desenvolvimentais, por volta das décadas de 1980 e 1990. Desta forma, um novo panorama sobre o autismo ganha visibilidade, sob a luz de estudos em diferentes áreas de conhecimento, emergindo então a noção de um quadro multifatorial quanto à sua etiologia, e portanto, quanto às suas possibilidades terapêuticas (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015). Por essa ótica, considera-se o TEA como um transtorno atravessado por um conjunto de fatores de ordem biológica, psicológica e social, os quais interagem no decorrer do processo de desenvolvimento humano, contribuindo ou não para uma maior adaptabilidade ao meio (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015).

Considerando estes fatores, pode-se pensar no microsistema familiar como um ponto crucial de trocas e possibilidades. O repertório comportamental de práticas parentais neste âmbito pode se revelar como um importante fator na criação de condições mais favoráveis ao desenvolvimento da criança, inclusive podendo reverberar em aspectos como as funções executivas, segundo Martins, Leon e Seabra (2016, apud ESTEFAN, 2018). Sendo assim, segundo Lampreia (2007), a intervenção realizada em conjunto com os pais se torna uma imprescindível peça do processo de intervenção precoce voltada ao autismo.

Fomentando esta visão, o Ministério da Saúde (2014) estabelece nas “Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)” a importância do trabalho estendido à família, fornecendo acolhimento e orientações, visto que são parte do processo terapêutico, fornecendo dedicação muitas das vezes integral.

Sob esta mesma perspectiva, alguns estudos de revisão sistemática trazem a proposta do treino de pais (TP) como estratégia muito favorável a gerar condições de desenvolvimento mais adaptativas às crianças com TEA (ANDRADE et al, 2016). Neste sentido, compreender de que forma as práticas parentais podem se estruturar neste contexto, pode auxiliar na formulação de uma prática clínica ampliada, que possa oferecer maior qualidade de vida para a pessoa com TEA e seus familiares (ESTIVALLET, 2018).

Diante desse cenário, o presente artigo traz como problemática o seguinte questionamento: de que forma o treino de pais pode se aliar a psicoterapia na atenção à criança com Transtorno do Espectro Autista?

Logo, o objetivo geral deste artigo se concentra em compreender sob a ótica bioecológica, de que forma o treino de pais pode se aliar a psicoterapia voltada

a criança diagnosticada com TEA. Tendo em vista uma melhor sistematização do estudo, foram formulados os seguintes objetivos específicos: Delinear a construção histórica do autismo, até o atual transtorno do espectro autista (TEA), de acordo com o DSM-V; Conceituar a teoria bioecológica do desenvolvimento, atrelando-a ao transtorno do espectro autista; Discutir de que forma o desenvolvimento de práticas parentais assertivas pode se aliar a terapia aplicada a criança com diagnóstico de transtorno do espectro autista, segundo a literatura existente.

Para a construção de um arcabouço teórico que permita a articulação entre os saberes da psicologia do desenvolvimento e o conceito de habilidades sociais, no contexto da atenção ao paciente com autismo e sua família, foram tomados alguns autores como base. No que diz respeito à psicologia do desenvolvimento, o presente estudo incorpora à discussão o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH), de Urie Bronfenbrenner (LEME et al, 2016), junto à bibliografia de Del Prette, no que diz respeito à habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005), além dos estudos sobre intervenção precoce de Lampreia (2007), inseridos no contexto da atenção à criança com TEA. Assumpção Júnior em colaboração com outros autores (2015) traz de forma rica em diversos estudos, as novas teorias sobre a multiplicidade de fatores etiológicos que envolvem o transtorno, e junto ao Manual Diagnóstico e Estatístico DSM-V fornecem informações atuais que auxiliam a embasar a discussão neste estudo.

Para dar conta de tal problemática, além dos autores acima expostos, se realizará uma pesquisa de natureza qualitativa, através da revisão de literatura existente nas plataformas de busca Google Acadêmico, e em bases de dados eletrônica, como a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Scielo.

2 | A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO AUTISMO: DO AUTISMO AO TEA

O transtorno do espectro autista (TEA) tem experimentado estatísticas expressivas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), estima-se que no mundo, uma em cada 160 crianças tenha TEA, sendo diagnosticado quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Diante disso, surgem narrativas midiáticas de uma epidemia de autismo (RIOS et. al. 2015). Porém, enquanto alguns pesquisadores atribuem a esse aumento uma melhor identificação da síndrome, outros acreditam que houve uma elevação na prevalência do autismo (GREENSPAN; WIEDER, 2006; apud ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSK, 2015).

A palavra autismo foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugene Bleuler, em 1908, para descrever seus pacientes esquizofrênicos em profundo

isolamento (RAMIREZ, 2014). Alguns anos depois, em 1943, Leo Kanner faz uso do termo “distúrbios autísticos do contato afetivo”, para descrever um quadro caracterizado por obsessividade, estereotípias e ecolalia, bem como isolamento extremo. Entretanto, apesar das semelhanças em relação à descrição comportamental do atual transtorno do espectro autista, a descrição de Kanner se referia mais a uma psicose, haja vista a impossibilidade de achados clínicos naquele momento (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015). Paralelamente ao desenvolvimento dos estudos de Kanner, surgem em 1944 os estudos realizados pelo pediatra austríaco Hans Asperger. Em suas observações, as crianças não apresentavam ecolalia, porém segundo ele, faziam uso de linguagem literal, pedante e sofisticada. Também tinham interesses intensos e rotinas fixas, bem como apego a certos objetos e presença de alterações do movimento (RAMIREZ, 2014).

No que concerne aos estudos aflorados nesta época, também se destacam os trabalhos de Bettelheim, que em sua obra mais conhecida, “A fortaleza vazia”, de 1967, definiu o autismo como uma resposta da criança a um ambiente hostil criado por pais frios e distantes, ou seja, não amorosos (LEANDRO; LOPES, 2017). Segundo Klin (2006), esta hipótese foi aos poucos abandonada, embora ainda possa ser encontrada em partes da Europa e América Latina.

Com isso, em torno da década de 1960, começam a emergir questionamentos sobre a base psicogênica do transtorno. Em oposição às teorias existentes, Bernard Rimland, psicólogo e pai de uma criança autista, é o primeiro a apontar o autismo como um distúrbio essencialmente neurológico (LEANDRO; LOPES, 2017). Ritvo (1976), por sua vez, fomenta esta concepção, considerando o autismo como uma síndrome relacionada a um déficit cognitivo, e não uma psicose; bem como Burak (1992), sob uma ótica desenvolvimental (apud ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015).

Desta forma, atualmente se destacam dois posicionamentos sobre teorias psicológicas acerca dos déficits no *continuum autístico*. O primeiro, defendido por autores como Baron-Cohen (1988, 1990, 1991) e Frith (1988), se pauta em uma ótica cognitivista, a qual postula que haja como cerne do transtorno, um déficit cognitivo que interfere nas capacidades de metarrepresentação e padrões pragmáticos (apud ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015). O segundo posicionamento, de acordo com Lampreia (2004), se debruça sobre um enfoque desenvolvimentista, onde “a incapacidade inata de se relacionar com pessoas, isto é, de responder emocionalmente aos outros, teria como uma de suas conseqüências o prejuízo do desenvolvimento da comunicação não-verbal e por conseguinte da linguagem”. Estes posicionamentos concordam que na base do autismo, encontra-se um prejuízo biológico que seria responsável pelas características comportamentais (LAMPREIA, 2004).

Como reflexo dessas alterações, e, sobretudo com o marco dos trabalhos desenvolvidos por Rutter (1979) que contextualiza o autismo como uma síndrome com características próprias e início precoce, o autismo aparece pela primeira vez no DSM-III reconhecido na categoria de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (apud KLIN, 2006).

Considerando as características distintas desta síndrome, Wing (1988) introduz o termo *continuum*, ou espectro autista, como um conceito consideravelmente complexo, para além de variações de níveis de comprometimento.

Sendo assim, o conceito de autismo modificou-se ao longo da história, através de pesquisas as quais identificaram diferentes possibilidades etiológicas, graus de severidade e características específicas ou não usuais, deixando então de ser considerado como uma doença, e passando a ser visto como uma síndrome (SCHMIDT; BOSA, 2003).

Em face ao corpo teórico construído ao longo do tempo, atualmente, segundo o DSM-V o transtorno do espectro autista é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, um grupo de condições com início precoce no período de desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Estes déficits podem variar desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência.

Levando em consideração estes aspectos, o DSM-V caracteriza o Transtorno do Espectro Autista

pela presença de déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.31).

Além disso hoje ele engloba outros transtornos, antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Diante disso, hoje se considera o TEA, atravessado por influências de fatores genéticos e fisiológicos, além de fatores ambientais que também atuam sobre o desenvolvimento da criança.

3 I A TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO

Compreender o processo de desenvolvimento humano ultrapassa o entendimento de etapas ou fases individuais de um sujeito em constante construção. Diz respeito à relação que estabelece em seu meio, dialeticamente e de um modo singular. Diante disso, as teorias sistêmicas ganham força ao fornecer subsídios para interpretação da realidade de uma forma não linear, contribuindo com uma abordagem complexa e multifatorial dos fenômenos do desenvolvimento estudados (LEME et al., 2016). Nesta perspectiva, através do viés da psicologia contextual, o desenvolvimento pode ser entendido apenas em seu contexto social, compreendendo o indivíduo como uma parte inseparável deste último (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Sob esta concepção, se origina a teoria bioecológica, elaborada por Urie Bronfenbrenner, no fim da década de 1970, na qual aborda o processo de desenvolvimento humano como um fenômeno indissociável de seu meio, onde a interação ocorre através de cada sistema (SILVA, 2018).

Após realizar críticas à própria teoria, Bronfenbrenner a reformula junto a Morris (1998), mudando o foco centrado até então nos sistemas, e adicionando ênfase nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento. Com isso, são reapresentados no modelo bioecológico quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: “pessoa, processo, contexto e tempo” (apud SILVA, 2018).

Podemos entender como o “processo” como o componente do desenvolvimento humano que sugere uma necessidade de o sujeito ser exposto repetidamente e por um período razoável de tempo a uma atividade que o estimule, para que o desenvolvimento ocorra. Segundo Leme (2016, p.183) “é o que acontece, por exemplo, quando uma mãe e um filho estabelecem uma rotina de realizar as tarefas escolares juntos, ou quando uma criança brinca de ‘faz de conta’ sozinha com seus brinquedos ou com outras crianças”.

A “pessoa”, o segundo elemento do MBDH (Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano), envolve tanto as características biológicas e psicológicas constitucionalmente determinadas, quanto àquelas que surgem na interação com o ambiente (BRONFENBRENNER, 2005, apud LEME 2016). Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998) “a força, os recursos e as demandas são as três características biopsicológicas da Pessoa destacadas pelo MBDH” (apud LEME, 2016, p. 183).

A força, segundo os autores, refere-se à responsividade para estímulos, que possibilita através de comportamentos os chamados processos proximais. Neste aspecto, os comportamentos ativos que se desenvolvem, gerando criatividade e interesse, por exemplo, são categorizados como características desenvolvimentais geradoras, e em contrapartida, aquelas que se desenvolvem de forma disfuncional

são chamadas características desenvolvimentais disruptivas.

No que tange ao TEA, por exemplo, existem registros na literatura de particularidades comportamentais desde muito cedo no processo de desenvolvimento, tais como a falta de aconchego no colo, de antecipação postural e de contato ocular, ausência de expressão facial e de imitação gestual (DAWSON & GALPERT, 1986 apud LAMPREIA, 2004). Além disso, segundo o DSM-V (2013, p.54), “pode haver interesse social ausente, reduzido ou atípico, manifestado por rejeição de outros, passividade ou abordagens inadequadas que pareçam agressivas ou disruptivas”.

Segundo Lampreia (2004), citando diversos autores, tais déficits comportamentais tem levado inúmeros pesquisadores a inferir um transtorno em processos neurobiológicos específicos que prejudicariam o desenvolvimento social e emocional no autismo.

A essas características biopsicológicas passivas e ativas, o MBDH confere a categoria de recursos. Os recursos de um sujeito podem então ser delimitados por fatores genéticos, doenças, baixo peso neonatal, e também competências e habilidades adquiridas ao longo da vida (LEME, 2016).

Por fim, as demandas contemplam características pessoais que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, contribuindo ou não para o aumento de processos proximais, englobando características físicas, etnia e gênero, entre outros fatores (LEME, et al 2016).

Desta forma, é possível compreender que cada sujeito a partir de suas características biopsicológicas em contato com um contexto único, poderá apresentar um processo de desenvolvimento cercado de possibilidades e singularidades.

Neste sentido, o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, caracteriza o contexto como um como um componente complexo, onde sistemas interdependentes (micro-, meso-, exo-, macro- e cronossistema) atuam direta e remotamente sobre o processo de desenvolvimento ao longo do tempo, o último elemento do MBDH (LEME et al, 2016).

De uma forma resumida, segundo Papalia e Feldman (2013), pode-se definir como microssistema, o ambiente do dia a dia, no lar, na escola, no trabalho ou vizinhança, onde ocorrem relacionamentos face a face. Enquanto isso, o mesossistema se trata do entrelaçamento entre vários microssistemas, como ocorre por exemplo em reuniões de pais e mestres, onde há vínculo entre a escola e a família. Já o exossistema consiste no vínculo estabelecido entre o microssistema e as instituições externas que afetam a pessoa indiretamente, como as mídias por exemplo. O macrossistema, por sua vez consiste na forma como os padrões culturais afetam o sujeito inserido em sociedade. E finalmente o cronossistema, representaria a dimensão temporal vivenciada pelo sujeito e sociedade como todo (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Dentre os sistemas anteriormente citados, o microsistema familiar possui uma importância fundamental para a compreensão do processo de desenvolvimento infantil, sendo o primeiro contexto através do qual a criança experimenta relações interpessoais. Através dessas relações únicas se formam díades, ou seja, processos em que um sujeito atravessa o desenvolvimento do outro, fomentando o crescimento psicológico de forma recíproca, seja pela atenção cedida cuidadosamente, pela execução conjunta de tarefas ou pela existência fenomenológica, sem proximidade (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Sendo assim, através do estabelecimento do fator reciprocidade, há influência direta entre membros por meio do seu comportamento, fenômeno este que proporciona mudanças não somente nas crianças, mas também nos agentes primários de socialização, como mães, pais, avós e professores (HADDAD, 1997 apud MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

No Brasil, os teóricos comportamentalistas Del Prette e Del Prette (2005) afirmam que dependendo das características de tais relações, a pessoa pode desenvolver um repertório de habilidades sociais de forma mais adaptativa, que através do modelo PPCT se caracterizaria como resultados de competências, ou um repertório com características deficitárias, resultados de disfunção (apud SILVA, 2018).

Esse repertório, no âmbito do desenvolvimento da criança com TEA em seu contexto familiar pode possuir então características singulares, construídas dialeticamente a partir de características biopsicológicas próprias da criança e expectativas e características familiares. Não obstante, é comum encontrar na literatura registros de estresse parental em decorrência da dedicação aos cuidados à criança, muitas das vezes de forma integral. Por outro lado, também são encontrados recursos de enfrentamento familiar, os quais quando fortalecidos podem auxiliar no manejo mais adequado para ambas as partes, a partir da compreensão e intervenção no campo das práticas parentais (SCHMIDT; BOSA, 2003).

4 | PRÁTICAS PARENTAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A compreensão da relação entre pais e filhos é amplamente explorada na literatura. Sob o prisma do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH), é sobretudo no microsistema familiar onde se inicia a construção dialética de um repertório de ferramentas cognitivas e comportamentais adaptativas ou não (LEME et al, 2016). Dentro dessa perspectiva, o estudo dos estilos parentais passou a ser impulsionado por Baurim, em 1966, integrando fatores comportamentais e afetivos no contexto de educação dos filhos (apud ESTEFAN, 2018). Entretanto, estudos que trouxessem uma visão mais detalhada sobre os conceitos de práticas parentais e estilos parentais, só surgiram mais tarde.

Segundo Darling e Steinberg (1993), “as práticas parentais referem-se ao comportamento dos pais, de conteúdo específico, singular, que objetiva a socialização da criança” (apud Estefan, 2018, p.13). Já os estilos parentais, segundo os autores, fazem referência às características globais de interação que geram um clima emocional, englobando as práticas parentais e outros aspectos, como tom de voz, linguagem corporal e atenção. Tais aspectos do cuidado parental, segundo Estefan (2018), podem reverberar até mesmo sobre o desenvolvimento das funções executivas da criança, com base não somente nos comportamentos dos cuidadores, mas também da própria criança, por meio da reciprocidade.

Entretanto, quando se fala nesta díade entre a criança com TEA e seus familiares, é possível que haja algumas peculiaridades passíveis de ocasionar um atravessamento na configuração do estilo e práticas parentais. Características intrínsecas à criança, como a presença frequente de um déficit em funções executivas, ou nos comportamentos direcionados à comunicação, bem como a existência de uma rotina rígida de outros comportamentos, por exemplo, podem impactar tanto na relação estabelecida, quanto características intrínsecas à estrutura psíquica de seus cuidadores, no que concerne ao enfrentamento do diagnóstico, por exemplo (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015). Sendo assim, é possível observar na literatura atual estudos que apontam para a existência de estresse parental, devido aos cuidados muitas das vezes intensivos direcionados a criança (BOSA, 2006).

Neste sentido, segundo o Ministério da Saúde (2014), o objetivo da intervenção psicológica voltado à criança com TEA se concentra em oferecer de forma multidimensional e multidisciplinar, subsídios para o desenvolvimento de áreas de força, promoção de sua independência e habilidades sociais, bem como prestação de apoio às famílias, uma vez que são uma peça fundamental neste processo. Sendo assim, respeitando as singularidades biopsicológicas do sujeito, seria possível através, principalmente das vias comportamental e educacionais, alcançar uma maior qualidade de vida.

Pode-se pensar então, nas práticas educativas parentais, como um possível aliado terapêutico a partir de uma visão psicoterápica descentralizada. Não obstante, no Brasil, o Ministério da Saúde publicou em 2013, a Diretriz de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA, com vistas a orientar os profissionais de saúde, bem como os parentes, a fim de auxiliar na identificação precoce do autismo em crianças de até três anos. Estas práticas, inclusive podem ser fundamentais para o desenvolvimento das funções executivas, segundo Martins, Leon e Seabra 2016 (apud ESTEFAN, 2018), se tornando o cerne do processo de intervenção precoce voltada ao autismo (LAMPREIA, 2007).

Fomentando esta visão, Bosa (2006) ressalta a importância do suporte psicoeducacional direcionado à família, auxiliando-as a serem mais resilientes

através da promoção da reestruturação dos papéis, regras e padrões de interação. Citando outros estudos, a autora ainda expõe a importância para as mães em relação ao suporte, em casa, sobre o manejo dos problemas comportamentais da criança e, em particular, aqueles associados às tarefas cotidianas.

Sendo assim, em meio a diversas modalidades de intervenção, surge o treino de pais, ou treinamento de pais (TP) como uma proposta voltada à atenção ao portador de TEA. Segundo Pinheiro et al. (2006), e Bolsoni-Silva (2007), o treino de pais consiste na instrumentalização em habilidades sociais aos pais, que se caracterizam, de acordo com os autores Del Prette e Del Prette (2009), como as classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que favorecem relações saudáveis e produtivas com as demais pessoas. Como consequência, o TP auxilia na generalização de comportamentos adaptativos adquiridos pela criança no processo terapêutico, à medida que os pais obtêm práticas parentais positivas, atuando então como coterapeutas.

No que tange à intervenção via cuidadores, esta se apresenta como uma alternativa muito viável, graças à sua vantagem em relação aos custos quando comparada à intervenção intensiva direta (BARBOZA, 2015).

No que concerne especificamente à aplicação do TP voltado à criança com TEA, Andrade et al. (2016), em um estudo de revisão sistemática, traz a possibilidade do uso do treino de pais como uma modalidade terapêutica complementar às demais. Visando ensinar aos pais a manejar os comportamentos desadaptativos de seus filhos, este recurso fornece resultados favoráveis quando realizado adequadamente. Segundo Webster-Stratton (1984) e Suppo e Floyd (2012), os pais têm grande potencial de serem facilitadores do desenvolvimento de seus filhos, mesmo quando as crianças já estão matriculadas em programas de intervenção comportamental intensiva precoce (apud ANDRADE et al, 2016).

Segundo Andrade et al (2016), os trabalhos envolvendo pesquisas com treinamento de Pais neste contexto, se concentra em objetivos como o desenvolvimento da comunicação e habilidades sociais das crianças com autismo e avaliar a redução de comportamentos problema e ansiedade nas crianças, em conjunto com outros tratamentos ou de forma isolada.

Fazzio (2002), a partir da ótica da análise comportamental, corrobora a ideia do TP como peça chave no acompanhamento da criança com autismo, realizando um levantamento de diversos manuais. Entretanto, as pesquisas analisadas em seu estudo se referem mais especificamente ao treinamento de Pais quanto à habilidades para a realização de modelagem e desenvolvimento de habilidades de autocuidado, de forma estruturada, e não propriamente quanto ao treinamento do repertório em habilidades sociais parentais para exercer uma monitoria positiva.

O treino de pais quando associado à outras modalidades de terapia, segundo

Solomon et al (2004), possibilita uma “melhoria nas medidas de consciência emocional, diminuição dos escores de depressão das crianças e dos pais, diminuição dos problemas de comportamento das crianças, melhora significativa na capacidade de ler as expressões faciais simples tanto de adultos quanto das crianças do grupo de intervenção” (apud BARRETO et al, 2013, p. 136). Nesta mesma perspectiva, Beaumont e Sofronoff (2008), utilizam a intervenção com recursos de realidade virtual aliadas a um programa de treino de pais, obtendo resultados satisfatórios na generalização de comportamentos adaptativos adquiridos, mantendo os resultados após seis meses, segundo os pais, que foram instruídos através de apresentações didáticas, role-plays, e discussões em grupo, além de tarefas de casa que possibilitaram a identificação de obstáculos e sua solução.

Todavia, Carvalho-Barreto (2013) aponta que a ênfase no papel dos pais no processo terapêutico é relativamente recente. Dentro desta perspectiva, surge a possibilidade do treino de pais como um aliado a prática psicoterápica voltada à criança com autismo. Encontra-se subjacente a este recurso um princípio primordial de colaboratividade com os pais, onde atitudes assertivas para com suas práticas educativas em relação aos seus filhos sejam incentivadas. Desta forma, toma-se como principal pressuposto a promoção de comportamentos adaptativos de ambas as partes da díade familiar - pais e filhos - visando maior qualidade de vida e potencialização do desenvolvimento sadio (PINHEIRO, HAASE & DEL PRETTE, 2002). Este modelo seria compatível, segundo os autores, com as intervenções desenvolvidas na área de habilidades sociais. Haja vista os pontos anteriormente explicitados, não se espera do treino de habilidades sociais parental um resultado de desaparecimento dos sinais que delimitam o TEA, mas sim uma ferramenta na potencialização do desenvolvimento e de qualidade de vida e saúde de um ser que é integral, em um contexto que possui suas singularidades.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou compreender de que forma o treino de pais pode apresentar-se como um potencial recurso no suporte à criança com transtorno do espectro autista, a partir do diálogo entre o MBDH e o campo das habilidades sociais. Para isto, foi realizada uma revisão de literatura que fornecesse aporte para tal discussão, buscando oferecer uma visão bioecológica de tal contexto de atuação.

O TEA é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, que se caracteriza pela presença de comportamentos restritivos, déficits na comunicação e interação social, que pode ocorrer não somente em diferentes níveis, mas sob diferentes formas. Entretanto, a compreensão do autismo como um *continuum*, em que existem formas variadas e singulares de desenvolvimento e interação com o

mundo, é algo relativamente recente. Ao longo da história, o autismo foi alvo de estudo de pesquisadores de diversas áreas, e, portanto, ganhou os mais diversos delineamentos, desde a psicose, passando pela hipótese da mãe geladeira, e os estudos de natureza cognitiva e neurobiológica ou genética.

Tal caminhada histórica foi imprescindível para o reconhecimento da importância das diversas faces do processo desenvolvimental, fornecendo subsídios para a percepção, independente da perspectiva teórica do observador, de uma criança em sua totalidade, e que ainda que de sua forma particular, está inserida em um contexto no qual é capaz de afetar e ser afetada ao longo de seu desenvolvimento.

Não se busca neste estudo, portanto, um modelo que culpabilize os pais em suas condutas e disponibilidade para seus filhos como fonte única da sintomatologia na criança, e tampouco restringi-la às suas características biopsicológicas. Busca-se a compreensão de um modelo no qual sua construção dialética seja valorizada, fornecendo suporte aos componentes do contexto onde ocorrem suas primeiras interações significativas, a família.

Ao passo que ocorre uma ampliação da compreensão do transtorno a partir de um olhar sistêmico, se constroem também possibilidades de intervenção descentralizadas, que sejam capazes de abranger a totalidade do contexto de desenvolvimento no qual a criança está inserida.

Sob esta perspectiva nasce a possibilidade do treino de pais como um aliado no suporte à criança com TEA e seus familiares, se configurando como um potencial recurso na promoção da saúde e bem estar no microsistema familiar.

Os estudos mais recentes neste sentido trazem resultados significativos, demonstrando ganhos para a saúde mental dos cuidadores e da criança, além da generalização de comportamentos adaptativos adquiridos pela criança durante o processo psicoterápico. Tal suporte possui bom custo benefício quando comparado, por exemplo, com a terapia direta intensiva, possuindo maior viabilidade para a família e sistema de saúde.

Contudo, há que se pontuar que o estudo da parentalidade é algo relativamente recente. Este fator pode contribuir para uma quantidade não muito ampla de estudos para se realizar uma comparação satisfatória, como foi possível observar em alguns estudos de revisão sistemática. Desta forma, observam-se metodologias e amostras heterogêneas, que resultam por vezes em discrepâncias e comparações inconclusivas.

Da mesma forma, apesar de o presente estudo não se propor a esgotar a literatura existente, parece haver um déficit de pesquisas que se inclinam ao estudo da parentalidade neste contexto específico, e não somente na formação de coterapeutas que deem continuidade à aplicação de determinadas técnicas benéficas do ponto de vista clínico. Este ponto parece importante para que seja possível considerar as

particularidades contextuais ao fornecer um programa de treino de pais, bem como a análise de sua efetividade.

Podemos concluir a partir deste estudo que se faz necessário investir em mais pesquisas acerca do uso do treino de pais para melhor avaliar sua aplicabilidade e metodologia. Faz-se necessário reconhecer sua importância como uma estratégia de caráter descentralizado, favorável a promover a saúde e bem estar não somente à criança com TEA, mas também aos seus sujeitos que a cercam à medida que fortalece as relações com seu meio e a reafirma enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatística dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, A., A.; OHNO, P., M.; MAGALHÃES, C. G. de; BARRETO, I. S. **Treinamento de Pais e Autismo: Uma Revisão de Literatura**. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1038>> Acesso em 02 de outubro de 2019.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F., B.; KUCZYNSKI, E. **Autismo Infantil: Novas Tendências e Perspectivas**. São Paulo: Atheneu, 2015.

BARBOZA, A., A., et al. **Efeitos De Videomodelação Instrucional sobre o Desempenho de Cuidadores na Aplicação de Programas de Ensino à Crianças Diagnosticadas com Autismo**. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/53794>>. Acesso em 19 de novembro de 2019.

BARRETO, I., S. et al. **Processos De Intervenção Para Crianças E Adolescentes Com Síndrome De Asperger: uma revisão de literatura**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 junho de 2019.

BEAUMONT, R.; SOFRONOFF, K. **A multi-component social skills intervention for children with Asperger syndrome: the Junior Detective Training Program**. Disponível em: <https://www.academia.edu/18962517/A_multi-component_social_skills_intervention_for_children_with_Asperger_syndrome_The_Junior_Detective_Training_Program?source=swp_share>. Acesso em 19 de novembro de 2019.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: Intervenções Psicoeducacionais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

CARVALHO-BARRETO, A. de. **A Parentalidade No Ciclo De Vida**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287127997015>>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2005.

ESTEFAN, Anna Carolina Tardin Azevedo. **Relações entre parentalidade e funções executivas de crianças em idade escolar**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2018.

ESTIVALLET, G., C. **Associação do Déficit de Linguagem em crianças com Transtornos do Espectro Autista e Síndrome de Down, no Estresse Parental**. Disponível em: <https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2018/article/download/932/875&ved=2ahUKEwjB5p_PhfflAhX_>

ILkGHboADE4QFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw3WKlvOOif_PmjvApjxbFkz>. Acesso em 02 de outubro de 2019.

FAZZIO, D., F. **Intervenção Comportamental No Autismo E Deficiências De Desenvolvimento: Uma Análise Dos Repertórios Propostos Em Manuais De Treinamento.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) .Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

KANNER, L. **Autistic Disturbances Of Affective Contact.** Nerv Child 1942; 2:217-250.

KLIN, A. **Autismo E Síndrome De Asperger: Uma Visão Geral.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de Outubro de 2019.

LAMPREIA, C. **A Perspectiva Desenvolvimentista Para A Intervenção Precoce No Autismo.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 de junho de 2019.

_____. **Os Enfoques Cognitivista e Desenvolvimentista no Autismo: Uma Análise Preliminar.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22311.pdf>>. Acesso em 11 de junho de 2019.

LEANDRO, J., A; LOPES, B., A. **Cartas de mães e pais de autistas ao Jornal do Brasil na década de 1980.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/2017nahead/1807-5762-icse-1807-576220160140.pdf>>. Acessado 11 Junho 2019.

LEME, V., B., R. et al . **Habilidades Sociais e o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano: Análise e Perspectivas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100181&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de outubro de 2019.

MARTINS, G., L., L; LEON, C., B., R; SEABRA, A., G. **Estilos Parentais E Desenvolvimento Das Funções Executivas: Estudo Com Crianças De 3 A 6 Anos.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 jun. 2019.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. **A Abordagem Ecológica De Urie Bronfenbrenner Em Estudos Com Famílias.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 02 out. 2019.

Ministério da Saúde. **“Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)”.** 2014.

OMS. Folha informativa: Transtorno Espectro Autista. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5651:folha-informativa-transtornos-do-espectro-autista&Itemid=1098>, acesso em 11 de junho de 2019

PAPALIA, D. E., Olds, S. W., & FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** 12 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

PINHEIRO, M. I. S. et al. (2006). **Treinamento De Habilidades Sociais E Educativas Para Pais De Crianças Com Problemas De Comportamento.** Disponível em: <<http://betara.ufscar.br:8080/pesquisa/rihs/armazenagem/pdf/livros/cartilha-pais-como-co-terapeutas-treinamento-em-habilidades-sociais-como-recurso-adicional/view>>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

RIOS, C. et al . **Da Invisibilidade À Epidemia: A Construção Narrativa Do Autismo Na Mídia** Imprensa Brasileira. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200325&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 de junho de 2019.

SCHMIDT, C; BOSA, C. **A Investigação Do Impacto Do Autismo Na Família: Revisão Crítica Da Literatura E Proposta De Um Novo Modelo.** Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3229>>. Acesso em: 02 out. 2019.

SILVA, J., R., A., da. **Habilidades Sociais de Crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) que Frequentam o Atendimento Educacional Especializado (AEE).** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amazonas, 2018.

BOLSONI-SILVA, A., T. **Intervenção em Grupo para Pais:** descrição de procedimento. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2007000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 de novembro de 2019.

WING L. **The Continuum of Autistic Characteristics.** Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4899-0792-9_7#citeas>. Acessado em 02 de outubro de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 39, 135, 195, 196, 197, 206

Amnésia 109, 110

Aprendizagem 17, 38, 109, 110, 134, 170, 200

Autismo 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Autoconhecimento 122, 123, 124, 126, 136, 137, 139, 140, 142, 149

B

Bioecológico 166, 168, 171, 172, 173, 179

Burnout 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 29, 31, 33, 42, 47, 49, 50, 52, 55, 56, 57, 58

C

Cerâmica 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 132, 134, 135

Comunidade 7, 18, 21, 45, 47, 51, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 135, 146, 147, 148, 184, 186, 199

Criatividade 135, 138, 142, 144, 146, 147, 148, 171

Cultura 3, 11, 60, 62, 64, 74, 101, 103, 115, 118, 135, 183, 185, 202, 204

D

Discurso 19, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 147, 148, 186, 192, 193, 194

Docência 49, 50, 57, 58

E

Educação 11, 17, 18, 23, 33, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 72, 74, 75, 81, 82, 89, 91, 93, 103, 121, 133, 135, 137, 140, 150, 173, 180, 181, 183, 195, 197, 201, 204, 205

Ensino 9, 10, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 130, 135, 153, 178, 188

Estresse 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 31, 33, 39, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 70, 173, 174, 178, 200, 203, 204

G

Gravidez 181, 182, 183, 184, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

H

Hipocampo 109, 110, 204

M

Maus-tratos infantis 206

Memória 34, 35, 36, 38, 98, 99, 107, 108, 109, 110, 149, 156

Mercado de trabalho 14, 15, 19, 20, 22, 23, 87, 88, 89, 91

Morte 33, 60, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 100, 139, 155, 164, 184, 199

N

Neuropsicologia 110, 150, 151, 152, 164, 165

O

Obesidade 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 121

P

Poesia 146, 147, 148

Políticas públicas 5, 28, 40, 43, 92, 149, 204, 205

Presídio 85, 86

Psicologia organizacional 20

Psicologia social 93, 96, 100, 101, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 183, 185, 196

Psicossomática 76, 77, 78, 79

Q

Qualidade de vida 1, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 50, 51, 57, 58, 59, 80, 110, 138, 140, 144, 167, 174, 176

R

Reabilitação 3, 12, 17, 28, 86, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 150, 167, 174, 179

Recursos humanos 7, 14, 15, 19, 20, 22

Relações sociais 97, 99, 102

Representações sociais 83, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 114, 121, 181, 183, 185, 186, 187, 195, 196, 197

Rorschach 40, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 164, 165

S

Saúde 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 113, 118, 120, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 166, 167, 168, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 187, 188, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208

Saúde coletiva 13, 23, 43, 69, 82, 187, 195, 206, 207, 208

Saúde mental 3, 8, 12, 25, 28, 29, 31, 39, 40, 43, 44, 45, 48, 52, 63, 76, 79, 146, 149, 177

Saúde pública 12, 40, 43, 57, 59, 60, 197, 198, 200, 205, 206, 207, 208

T

Terapia cognitiva comportamental 59, 66, 70

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 73, 75, 77, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 101, 102, 107, 109, 111, 112, 115, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 164, 167, 172, 190, 196, 202

Transtorno mental 25, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 41, 42

Treinamento 17, 20, 22, 35, 40, 73, 152, 154, 166, 175, 178, 179

U

Universidade 1, 8, 14, 23, 43, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 70, 71, 92, 93, 94, 111, 113, 114, 115, 117, 120, 121, 122, 150, 165, 178, 179, 180, 187, 194, 195, 196, 197, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0